

Presidente passa nove dias do outro lado do planeta

■ Fernando Henrique, com comitiva de 150 pessoas, viajará por três países da Ásia

Arte JB

SONIA CARNEIRO E
RENATA GIRALDI

BRASÍLIA— Às voltas com a disputa pelas presidências do Senado e da Câmara, em que seus principais aliados estão se digladiando, o presidente Fernando Henrique Cardoso ficará, providencialmente, nove dias fora do Brasil. Amanhã ele viaja rumo à Coreia do Sul, Timor Leste e Indonésia, com escalas técnicas em Vancouver, no Canadá, e na Cidade do Cabo, na África do Sul. Nas duas últimas cidades, a comitiva presidencial apenas pernoitará. Na sua mais longa viagem dos últimos quatro anos, ele deverá percorrer cerca de 42 mil quilômetros e voar 55 horas, acompanhado por uma comitiva que reúne aproximadamente 150 pessoas e cinco aviões.

O presidente pretende aproveitar as horas de voo para discutir a retomada do projeto de reforma tributária pelo Congresso Nacional e convidou para integrar a comitiva o deputado Marcos Cintra (PL-SP), um dos idealizadores do imposto único. Fernando Henrique quer que Cintra, candidato derrotado à Prefeitura de São Paulo, ajude o governo na elaboração de um novo projeto tributário.

Na viagem, deverá ser gasto cerca de R\$ 1,5 milhão, metade do orçamento total destinado às viagens presidenciais para este ano. O roteiro levará a comitiva por fusos horários diferentes, com variações entre seis e 12 horas, e por vários tipos de clima. Na Coreia, o frio fez os termômetros atingirem até dez graus negativos. Já na Indonésia e no Timor, a temperatura chega a 35 graus positivos.

“Acho que nem Marco Polo fez isso”, brincou o embaixador Frederico Araújo, chefe do cerimonial da presidência. Para enfrentar a maratona, todos os passageiros e tripulantes tiveram de tomar vacinas contra poliomielite, hepatite A e B, febre tifóide, encefalite japonesa, tétano e febre amarela.

A idéia é transformar a viagem à Ásia num reconhecimento da necessidade de aproximação dos países que viveram crises econômicas recentes, mas que estão conseguindo superar seus efeitos negativos. Sob o ponto de vista político, a estratégia é mostrar que o apoio do governo brasileiro ao processo de independência e reconstrução do Timor Leste (que ficou sob domínio indonésio por 25 anos) foi mais intenso do que acusam os opositoristas.

O auge da viagem será no dia 22, quando Fernando Henrique passará oito horas na capital timorense, Díli. O presidente visitará a tropa brasileira que compõem a força de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) e se reunirá com dom Carlos Ximenes Belo e José Ramos-Horta, vencedores do Prêmio Nobel da Paz. Também encontrará Xanana Gusmão, presidente do Conselho Nacional da Resistência Timorense, e tido como o primeiro presidente do futuro país.

A Presidência da República não poupou esforços na organização das visitas. Pelo menos 150 pessoas estão envolvidas no processo, desde ministros até militares e diplomatas. Pela primeira vez em seis anos, os jornalistas vão acompanhar a comitiva presidencial no mesmo avião. São 35 profissionais.

A viagem obrigou a utilização de cinco aviões: o Airbus A300, da TAM, que levará o presidente e sua mulher, Ruth Cardoso, ministros, embaixadores, os deputados Arnaldo Madeira (PSDB-SP) e Marcos Cintra (PL-SP) e jornalistas; o Boeing 707, apelidado de “Sucatão”, e dois Boeings 737, conhecidos como “Sucatinhas”, que levarão as equipes de apoio, e um Hércules para transportar mantimentos e remédios que serão doados à população do Timor.